

I

Um papagaio verde e amarelo, numa gaiola pendurada do lado de fora da porta, repetia sem cessar:

«*Allez-vous-en! Allez-vous-en! Sapristi!* Está muito bem!»

Sabia falar um pouco de espanhol, e também uma linguagem que ninguém compreendia, a não ser, talvez, o pássaro-imitador que estava pendurado do outro lado da porta, assobiando as suas notas aflautadas contra a brisa com uma persistência enlouquecedora.

O Sr. Pontellier, incapaz de ler o jornal com um mínimo de sossego, levantou-se com uma expressão e uma exclamação de enfado. Atravessou a varanda e as estreitas «pontes» que ligavam os chalés dos Lebrun uns aos outros. Estivera sentado em frente da porta da casa principal. O papagaio e o pássaro-imitador pertenciam a Madame Lebrun, e tinham o direito de fazer todo o barulho que quisessem. Ao Sr. Pontellier assistia o privilégio de abandonar o seu convívio quando eles se tornavam maçadores.

Parou em frente da porta do seu chalé, que era o quarto a contar do edifício principal e o que ficava ao lado do último. Sentando-se numa cadeira de verga de balanço que ali se encontrava, concentrou-se novamente na tarefa de ler o jornal. Era domingo; o jornal era do dia anterior. Os jornais de domingo ainda não tinham chegado a Grand Isle. Já se inteirara das informações comerciais, e passava os olhos impacientemente pelos editoriais e pelas notícias que não tivera tempo de ler antes de sair de Nova Orleães no dia anterior.

O Sr. Pontellier usava óculos. Era um homem de quarenta anos, de altura mediana e compleição um tanto delicada; tinha o corpo um

pouco curvado. O cabelo era castanho e liso, com risca ao lado. Tinha a barba esmeradamente aparada rente.

De vez em quando levantava os olhos do jornal e olhava em volta. Havia mais barulho do que nunca, na casa. Ao edifício principal chamava-se «a casa», para o distinguir dos chalés. Os pássaros continuavam a falar e a assobiar. Duas meninas, as gémeas Farival, tocavam ao piano um dueto de *Zampa*. Madame Lebrun andava numa azáfama para fora e para dentro, dando ordens num tom de voz elevado a um jardineiro sempre que entrava em casa, e instruções em voz igualmente alta a uma criada de mesa sempre que saía para o exterior. Era uma mulher bonita e fresca, sempre vestida de branco e com mangas pelos cotovelos. As suas saias engomadas engelhavam-se conforme ela ia e vinha. Mais para lá, em frente de um dos chalés, uma senhora de preto caminhava discretamente para baixo e para cima, rezando o terço. Grande parte das pessoas da *pension* tinha ido à *Chênrière Caminada* no lugre de Beaudelet, para assistir à missa. Alguns jovens jogavam cróquete lá adiante, debaixo dos carvalhos. Os dois filhos do Sr. Pontellier, duas crianças robustas de quatro e cinco anos, estavam lá. Uma ama mestiça seguia-os para todo o lado, com um ar distante e pensativo.

Finalmente, o Sr. Pontellier acendeu um charuto e começou a fumar, deixando o jornal pender-lhe ociosamente da mão. Fixou o olhar numa sombrinha branca que avançava da praia a passo de caracol. Via-a nitidamente por entre os troncos delgados das árvores e por sobre a extensão de camomila amarela. O golfo parecia distante, fundindo-se indistintamente com o azul do horizonte. A sombrinha continuava a aproximar-se devagar. Sob a umbela de forro cor-de-rosa encontravam-se a Sr.^a Pontellier, sua mulher, e o jovem Robert Lebrun. Quando chegaram ao chalé sentaram-se ambos, aparentando uma certa fadiga, no degrau superior do alpendre, de frente um para o outro, cada um encostado a um pilar de sustentação.

«Que loucura! Tomar banho a uma hora destas, com um calor destes!», exclamou o Sr. Pontellier. Ele tinha dado um mergulho ao nascer do dia. Era por isso que a manhã lhe parecia longa.

«Estás irreconhecível de tão queimada», acrescentou, olhando para a esposa como quem olha para uma peça valiosa de sua propriedade pessoal que sofreu qualquer dano. Ela ergueu as mãos fortes e bem feitas e examinou-as com um olhar crítico, puxando as mangas de

cambrava até acima dos pulsos. Ao olhar para elas lembrou-se dos anéis, que dera ao marido antes de ir para a praia. Estendeu-lhe a mão em silêncio e ele, percebendo, tirou os anéis do bolso do colete e depositou-lhos na palma aberta. Ela enfiou-os nos dedos; depois abraçou os joelhos olhando para Robert e começou a rir. Os anéis cintilavam-lhe nos dedos. Ele correspondeu-lhe com um sorriso.

«O que foi?», perguntou Pontellier, olhando de um para outro com ar preguiçoso e divertido. Era um simples disparate; uma aventura qualquer lá adiante, na água, e ambos tentaram contá-la ao mesmo tempo. Não parecia ter nem metade da graça, quando contada. Perceberam isso e o Sr. Pontellier também. Este bocejou e espreguiçou-se. Depois pôs-se em pé, dizendo que estava quase decidido a ir até ao Hotel Klein jogar uma partida de bilhar.

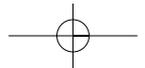
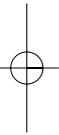
«Venha daí comigo, Lebrun», propôs a Robert. Mas Robert confessou com toda a franqueza que preferia ficar onde estava, conversando com a Sr.^a Pontellier.

«Bem, manda-o ir à vida dele quando ele te aborrecer, Edna», instruiu-a o marido, enquanto se preparava para se ir embora.

«Toma, leva a sombrinha», exclamou ela, estendendo-lha. Ele aceitou, e erguendo-a sobre a cabeça desceu os degraus e afastou-se.

«Voltas para jantar?», gritou a mulher nas costas dele. Ele deteve-se um instante e encolheu os ombros. Apalpou o bolso do colete; tinha lá uma nota de dez dólares. Não sabia; talvez voltasse para o jantar do meio-dia e talvez não. Tudo dependia da companhia que encontrasse no Klein e do tamanho do «jogo». Não pronunciou isto, mas ela compreendeu e riu-se, fazendo-lhe um aceno de despedida.

As crianças queriam ir com o pai, quando o viram ir-se embora. Ele beijou-as e prometeu que lhes traria bombons e amendoins.



II

Os olhos da Sr.^a Pontellier eram vivos e penetrantes; de um castanho-amarelado, eram mais ou menos da cor do cabelo. Tinha uma maneira de os girar velozmente para um objecto e ali os fixar, como se perdida num qualquer labirinto interior de contemplação ou pensamento.

As sobrancelhas eram ligeiramente mais escuras que o cabelo. Eram espessas e quase horizontais, realçando a profundidade dos olhos. Era mais atraente do que bela. O rosto era cativante graças a uma certa franqueza de expressão e um contraditório jogo subtil de feições. As suas maneiras eram insinuantes.

Robert enrolou um cigarro. Fumava cigarros porque não podia permitir-se charutos, dizia. Tinha um charuto no bolso que lhe oferecera o Sr. Pontellier, e estava a reservá-lo para depois do jantar.

Isto parecia perfeitamente correcto e natural da parte dele. Nas tonalidades não diferia da sua companheira. Um rosto bem barbeado tornava a semelhança mais pronunciada do que de outro modo seria. Não mostrava sombra de preocupação no semblante aberto. Os seus olhos captavam e reflectiam a luz e a languidez daquele dia de Verão.

A Sr.^a Pontellier estendeu a mão para pegar num leque de folha de palmeira que estava no chão do alpendre e começou a abanar-se, enquanto Robert expelia por entre os lábios ligeiras baforadas de fumo do cigarro. Conversavam incessantemente: das coisas que os rodeavam, da alegre aventura na água — que voltara a assumir o aspecto divertido —, do vento, das árvores, das pessoas que tinham ido à *Chênrière*, das crianças que jogavam cróquete sob os carvalhos e das gémeas Farival, que agora estavam a tocar a abertura de *O Poeta e o*